

# Dançantes no mundo: vínculos e itinerários de terecozeiras na região de Codó<sup>1</sup>

Conceição de Maria Teixeira Lima

Universidade Federal do Maranhão/São Luís (MA)

**Palavras chave:** : Terecô; Trajetórias; Vínculos

## Introdução

Neste trabalho descrevo experiências e narrativas de *brincantes* do terecô – uma religião de matriz africana - que não têm ligações fixas ou vínculos oficiais com uma tenda. Nesse contexto, as tendas são os espaços nos quais se realizam diversas obrigações com as entidades, como festejos, sessões e atendimentos às pessoas que buscam por conselhos e outros tipos de ajuda. Estes locais são chefiados por um pai ou mãe de santo, e formados por seus filhos e filhas, e por uma diretoria (secretários e diretores responsáveis por questões de ordem financeira e de comunicação). Apesar da centralidade das tendas na vida de um brincante (terecozeiro ou baiador) nem todos têm vínculos unívocos ou contínuos com elas. Algumas dessas ligações não remetem a lógicas fixas e duradouras, indicando que muitos dos terecozeiros que dançam em certas tendas em período de festa não necessariamente se identificam como pertencendo a elas.

Nos contextos de *pagamento de visita* – uma espécie de dádiva e contra dádiva entre tendas, que retribuem as presenças em suas festas - é possível encontrar dessas brincantes que circulam. Uma delas é Diva, uma senhora de quase 60 anos, que se destaca ao chegar às tendas, já posta com suas vestes de *dançante*. Sempre cumprimentando a todos de forma muito simpática, conta que já andou muitas distâncias para *baiar* ou *dançar* terecô. Segundo ela, suas entidades (*encantados* ou *guias*) “até deixam passar a tenda, mas a dança, não!”. A partir de uma etnografia de sua história e de outras duas mulheres, pretendo analisar experiências de criação de vínculos com as entidades e com os lugares que não passam necessariamente pela ação de assentar a entidade ou a pessoa em uma tenda específica, mas que são tecidas a partir de percursos tanto das entidades quanto das pessoas. Busco, assim, refletir sobre

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 23 e 26 de julho de 2024, Belo Horizonte/MG.

cuidados, vínculos e itinerários que não remetem à relação tenda e seus respectivos pais e mães de santo, mas coloca em primeiro plano a relação da pessoa com diversas entidades com as quais a vida é constituída.

No terecô essas entidades são conhecidas como encantados, seres que costumam narrar que já foram pessoas que viveram na terra em tempos passados e que, após suas mortes ou situações ligadas a desaparecimentos misteriosos, vieram a se encantar, passando a viver no mundo da encantaria. As tendas – também chamadas de salão, barracão ou casa - são espaços onde são realizados festejos, consultas, trabalhos espirituais e onde, comumente, encontramos com os encantados que se apresentam nos terecozeiros ou “*brincantes*”. Assim, podemos ter contato com os encantados nos dias de obrigação das casas, nas festas, ou mesmo quando se participa de sua rotina, pois eles vêm para conversar, beber, visitar alguém ou mesmo para fazer companhia às pessoas queridas.

Martina Ahlert (2021) demonstra que quando o terecozeiro constrói sua tenda ele também se constitui como pai ou mãe de santo e a partir de então tem a obrigação de realizar uma festa, pois “ter uma tenda é ter um festejo”. Essas obrigações acontecem para além do espaço da tenda, ocupando partes da casa dos pais e mães de santo, pátios e quintais, e até mesmo a rua onde residem. Ao descrever esses espaços em interação, a autora chama atenção para como as casas e tendas são utilizadas nas mobilizações das redes de relações que se constituem em torno da festa, considerando que “as tendas são um espaço de materialização dos vínculos que aproximam pessoas e entidades” (Ahlert, 2021, p.130).

Convivendo com os terecozeiros pude notar que o festejo é o momento mais notório das tendas, quando se fazem mais visíveis e abertas a um público diverso. A tenda é preparada para festa com uma nova pintura, com decorações de balões, bandeiras e faixas. Tudo é enfeitado para que seja admirado e bem visto por aqueles que visitam e participam da festa. Existe sempre uma expectativa de que venham muitas pessoas, pois um “*tambor bonito*” é expresso pela presença de grande quantidade de gente, indicando assim, a capacidade que o pai ou mãe de santo tem para atrair muitos curiosos, participantes e brincantes.

A forma como cada terreiro realiza as suas festas e rituais se diferenciam muito, “cada casa faz de um jeito” (Ahlert, 2021), costumam dizer os mestres. As variações no

modo de conduzir tal obrigação não é vista como falta de conhecimento ou fundamento sobre a festa. Entende-se que tem a ver com as correntes da casa e como estas serão homenageadas, pois uma tenda pode realizar um festejo que tem duração de nove dias, diferentes de outras que podem fazê-lo em apenas um dia. Pelo fato dessas obrigações serem realizadas com a participação de brincantes de várias tendas, estes espaços se tornam lócus de passagens e encontros entre pessoas e encantados para além daqueles que tem vínculos formais com tais lugares.

### **Preparando pessoas e encantados**

No terecô, a prática que dá início à entrada de uma pessoa em uma tenda junto com seus encantados é chamada de “*preparação*”. A preparação implica em um conjunto de trabalhos e estudos que entre outras questões, visa identificar e organizar as correntes as quais o médium tem ligação. Neste ponto, corrente implica em força espiritual e indica certo agrupamento de encantados de uma tenda ou de uma pessoa. Dona Luizinha me contou que uma de suas maiores alegrias era saber que poderia ajudar alguém. Ela falava que não tinha medo do que a pessoa poderia ter “*por trás*” - uma referência aos problemas que carregava. Quando tinha a permissão de seus guias, ela fazia tudo para ver seu consulente bem. A mãe de santo relatava que seu trabalho se assemelhava a de um professor, pois assim como ele, também precisa realizar seus “*estudos*” e “*leituras*” – ainda que não escolares - para descobrir os problemas espirituais das pessoas que lhe procuravam.

Ao explicar um pouco sobre como ajudava essas pessoas, Luizinha me contou que isso só era possível porque “*todo mundo tem sua corrente espiritual, seu guia*” e era entrando em contato com ele que conseguia descobrir e resolver seus problemas. Alguns deles eram ocasionados pelo fato das entidades – que estavam em conexão com a pessoa que a procurava - não estarem organizadas nos seus devidos lugares, ou seja, em determinada ordem expressa em termos como “*vir na frente*” ou “*atrás*”. Isso causava aflições diversas, pois, cada entidade tinha uma função na vida de alguém e se ela não estivesse devidamente posta no lugar certo ou sendo cuidada da forma devida, causava tumulto e conflitos na vida da pessoa. Além disso, era possível ter problemas quando a corrente de alguém era atravessada por outra, ou quando o guia estava “*longe*” ou “*alto*” demais, expressões que informam sobre o trabalho de aproximar e engajar os médiuns aos seus encantados.

A omissão de tal situação pode levar a pessoa a ter desequilíbrios mentais e dificuldades em várias dimensões da sua vida. Nesse sentido, uma pessoa que tem suas correntes distantes ou desorganizadas tem menos poder de ação sobre as adversidades que lhe ocorrem. Para realizar tais tarefas o pai ou mãe de santo precisa se valer de um conhecimento que lhe orientam nos cuidados e na preparação da pessoa para lidar de modo mais consciente com seus guias. Nesse percurso que é a preparação também estão envolvidos outros seres e artefatos que são mobilizados pelos mestres, o que implica em um conhecimento que não parte somente do mestre, mas da relação e agenciamentos de plantas, rios e astros.

Segundo dona Luizinha, após identificar o problema de um médium, ela seguia outro estudo para saber como proceder para a melhora da pessoa. Contava que meia noite ia para o quintal e ficava procurando no céu algum evento que lhe servisse como um sinal para adquirir alguma ideia de como proceder. De forma concentrada fazia as suas perguntas para as estrelas, e no que elas piscavam, ia tendo as respostas para o que buscava. Assim, dizia que aos poucos, ia *“limpando o problema”*, pois uma *“uma pessoa doente é como uma roupa com várias manchas”* que se limpa gradualmente. Suas experiências nos falam das relações com diversos elementos da natureza que participavam do seu processo como mãe de santo. No processo de participação da entidade na vida da pessoa e desta na vida das entidades, há também a participação de outros elementos que são acionados para a relação de uma feitura.

Sua relação com outros seres, não se deu a partir da sua posição de mestre e mãe de santo. Ainda quando criança, Luizinha pegava fumo escondido dos pais e subia em uma árvore, conhecida como mufumbo, para fumar cigarro. Lá se sentia bem tanto pelo fato de estar fazendo algo que desejava quanto pela possibilidade de compartilhar parte de eventos de sua vida. Este partilhar era tecido em forma de diálogo, uma vez que Luizinha ouvia as vozes amigáveis que eram emitidas da mesma árvore. Mais tarde quando assumiu sua mediunidade, era na mata que buscava os saberes para curar as pessoas. Conta que quando ela tinha que aprender uma coisa ficava na mata próxima ao rio Guará e ao rio Pescoço (na localidade onde vivia) concentrada em uma queda d'água. No som produzido pelas águas ia descobrindo como tinha que proceder em relação a um trabalho de cura. Sua ligação com os encantados permitia que ela acessasse formas de entendimento e aprendizado por meio de diálogos com elementos da natureza que assumiam novas formas de ação em sua vida.

As experiências de preparação realizada por Luizinha estão atreladas, em parte, a sua trajetória, os lugares por onde morou e seus estudos realizados junto com seus encantados e outros elementos presentes nas suas redes de relações. Ponhei sobre a questão das trajetórias para mencionar que as preparações não seguem um ritual semelhante nesse contexto, pois os pais e mães de santo além de não passarem por uma preparação idêntica, podem ser formados em diferentes vertentes religiosas, como o tambor de mina, a quimbanda ou o candomblé. Concomitante com este contexto, muitos filhos e filhas de santo podem ser preparados ou podem preparar suas correntes em diversas tendas no decorrer de suas trajetórias, e nem sempre indica a um vínculo duradouro com estes espaços.

Quando comecei a realizar campo no terecô de Codó, no ano de 2016, conheci Isis, na época filha de santo de Raimundinho Pombo Roxo. Isis recebia dona Chica Baiana, e era uma filha assídua nas obrigações como as sessões e os festejos da Tenda. Até o ano de 2018, pude acompanhar essa brincante na Tenda de Raimundinho dançando com sua encantada. Após um intervalo de dois anos e meio, ocasionado por processos de escritas e pela pandemia da Covid, ao retornar para Codó, não percebi mais a presença de Isis na tenda São Domingos. Na ocasião apenas tive conhecimento de que esta estaria mais frequentando o local. Em maio de 2022, acompanhando a mesma Tenda São Domingos em uma visita à festa de Seu Légua, do pai de santo Antônio Filho, reencontrei dona Chica Baiana de Isis, agora pertencente à Tenda São Francisco e São Sebastião.

Nesta casa, Isis passou realizou a “*confirmação*” de dona Chica Baiana, uma obrigação realizada diretamente para entidade dentro dos cuidados da corrente a qual se apresenta em Isis. A brincante referiu-se à confirmação como uma “*firmeza*”, um modo de fortalecer o vínculo com a entidade e, pelo fato de estar sendo preparada na Tenda de Antônio Filho, fortalecer o vínculo com este lugar também. Na Tenda anterior, Isis não teve a oportunidade de realizar este tipo de obrigação. Quando chegou para se tratar com o pai de santo, contou que este cuidou de lhe preparar para incorporar Chica Baiana. Este preparo implicou, entre outras fazeres como ascender velas, em participar das giras de tambor, aprender a cantar as doutrinas referentes à sua entidade e receber a encantada para dançar.

Em algumas preparações de filhos de santo podem indicar a constituição de um jarro<sup>2</sup> no qual se guarda elementos relacionados à entidade que está confirmada no médium. Esses jarros podem tanto ficar guardado no quarto de segredo ou conga na própria tenda, como podem ser deslocada para o espaço doméstico do brincante. No entanto, vale ressaltar que nem toda obrigação de confirmação ou preparação resultará na produção desse artefato, uma vez que, como já mencionado, essas feituas não seguem uma dinâmica comum. Além disso, mesmo quando as entidades são confirmadas em terminadas tendas, podem seguir para outras, de acordo com os eventos de deslocamentos das pessoas que brincam terecô. Portanto, essas obrigações podem ligar a pessoa a mais de uma tenda ou mesmo a nenhuma, no sentido de fazer parte enquanto filho ou filha de santo. No entanto, mesmo que não ocupe alguma dessas condições de ligação a estas casas, alguns brincantes transitam por elas junto aos seus guias que não abrem mão de participarem de inúmeros festejos.

Outro ponto importante para entender essas feituas e vínculos sendo construídos em meio a percursos é a de que a condição de preparar um brincante não é dada somente ao pai ou mãe de santo, as próprias entidades podem ser agenciadores desses processos. Em alguns casos, a preparação de um terecozeiro pode ser feita por algum de seus guias. Martina Ahlert (2021) traz uma dessas experiências ao relatar que foi a encantada Chica Baiana quem preparou Pedro, o pai de santo no qual ela se manifesta e realiza seus trabalhos em sua residência. “Os encantados sempre fizeram parte das histórias de Pedro e o acompanhavam desde que nasceu. Segundo nos contou, o seu parto foi feito por Dona Chica Baiana, entidade de seu avô, “em cima” dele – ou seja, nele incorporada” (Ahlert; Lima, 2019, p. 452). Mesmo que estes médiuns sejam intermediados por outro mestre, aos quais se referem como pai ou mãe de santo – Pedro é filho de santo de Maria dos Santos -, são seus guias que comandam suas feituas e quem determinam o conjunto de suas obrigações – dançar, botar mesa, abrir tenda, entre outros.

Mas se os vínculos entre as tendas e entre os pais e mães de santo não se apresentam da mesma forma nas inúmeras experiências das brincantes de terecô, como podemos perceber os modos pelos quais essas pessoas constituem suas vivências com seus encantados nestes contextos? A partir das histórias de três mulheres brincantes de

---

<sup>2</sup> Uma espécie de pequeno pote como tampa. Semelhante à quartinha em outros contextos de religiões de matriz africana.

terecô, pretendo demonstrar que esses encontros acontecem a partir do vínculo com certa entidade que não renunciam ao hábito da dança, e que pelo fato de também passarem por certo processo de preparação, acabam por ligar, mesmo que temporariamente seus médiuns a estes espaços e mestres.

### **Brincantes em percursos**

Muitas pessoas quando começam a falar de suas trajetórias costumam por vezes iniciar suas histórias com a frase “*eu brinco terecô há muito tempo...*”. Brincar, entre outras feitura, remete aos toques de tambor, momento em que os encantados veem dançar. A dança é parte constitutiva na vida das pessoas e dos encantados, ela é um modo de expressar os vínculos com esses seres. Dançar também remete a ritmos, movimentos e deslocamentos. No terecô se anda muito para “*baiar*”, ou como no caso das passeatas – momento em que os brincantes e os encantados transitam pelas ruas ao toque do tambor -, percorrem-se trajetos dançando. Nesses contextos, encontraremos alguns brincantes que não se apresentam como pertencente a uma determinada tenda, mas o ato de dançar junto aos seus encantados as fazem transitar e participarem de festejos de muitos destes espaços.



**Figura 1** Passeata de brincantes de terecô em Codó (MA). Junho de 2023. (Acervo pessoal)

Em janeiro de 2023 eu conheci Mocinha uma senhora de cinquenta e poucos anos. Ela havia aceitado ao convite do pai de santo Antônio Filho para a festa de São Sebastião, em sua Tenda. Mocinha observava o movimento das filhas de santo que faziam os últimos preparativos da mesa de bolo e da decoração do espaço. A brincante observadora expressava: “*o negócio é sério!*” indicando que é preciso ter muito comprometimento e força de vontade para seguir em suas obrigações com os guias. Ouvindo suas palavras, mesmo que em voz baixa, concordava com ela ao comentar sobre o grande trabalho e o dispêndio de se fazer um festejo. Mocinha se apresentou como uma antiga amiga do pai de santo, e naquela noite, fez um grande esforço para estar presente em sua festa, já sempre recebia convites do pai de santo e nunca tinha condições e tempo para participar de suas obrigações. Na ocasião, perguntei se ela era mãe de santo e de qual tenda fazia parte. Ela me relatou que não pertencia a nenhuma tenda, mas sempre dançava em vários festejos realizados por muitas delas.

Mocinha tem um congá – quarto de segredo – em sua casa, local onde realiza algumas obrigações para seus encantados e orixás. Realiza alguns cuidados e atendimentos com seus guias com pessoas que a procuram em sua residência. Informou que já cuidou de algumas pessoas que hoje a acompanha em muitas dessas obrigações. Em suas preparações conheceu seus guias os quais lhe orientaram sobre suas obrigações. Com o tempo precisou construir um congá em sua casa no qual dispõe de alguns assentamentos e de outros artefatos com os quais realiza seus trabalhos espirituais. Mocinha preferiu seguir com suas obrigações em sua casa, pois uma tenda lhe dispenderia muito esforço e tempo. Seus guias não interviram em tal decisão, mas a aconselharam que esta realizasse algumas obrigações nas quais fosse necessário o toque do tambor. Tendo em vista o alto custo para se montar uma equipe de tamborzeiros<sup>3</sup>, Mocinha resolveu tal problema com o itinerário em alguns festejos em Codó e cidades vizinhas.

Esta brincante já havia morado em vários lugares diferentes, e no momento estava de mudança definitiva para o seu sítio, para onde fazia viagens esporádicas. Sua nova residência se localiza na fronteira entre Codó e Timbiras. Disse que a mudança tem a ver com o fato de ser um lugar com mais espaço para realizar suas obrigações

---

<sup>3</sup> Atualmente a maioria das tendas precisa dispor de certos valores para o pagamento de tamborzeiros. Em média um tamborzeiro cobra entre 100 e 150 reais por noite. Considerando que uma equipe de tambor é formada por três tocadores que revesam entre si, e um festejo pode ter cinco noites de toque de tambor, este é um elemento de alto custo para a festa.

junto aos seus guias e também por não precisar mais pagar aluguel. Apesar de ser uma região distante do perímetro urbano de Codó, estava satisfeita com a nova moradia. Quando perguntei sobre o processo de mudança do congá, ela respondeu que este foi o primeiro a ser deslocado, “*são os primeiros a chegar na casa!*”, expressou. Mocinha comentou sobre o fato de, depois de sua preparação, sempre ter compartilhado a casa com seus guias. Onde não havia condições deles ficar, ela sabia que também não poderia se estabelecer. Agora, em seu próprio sítio, um bem que adquiriu com a ajuda deles, acredita ter constituído um lugar de moradia permanente.

As mudanças de casas e de cidade também eram movimentos comuns na vida de dona Lourdes. Atualmente dona Lourdes tem cinquenta e cinco anos, reside na cidade de Codó e dança na Tenda de seu filho de sangue, o pai de santo Antônio Filho. Em nossos encontros esta brincante costumava falar sobre o seu ofício de costureira, habilidade que aprendeu com seu marido. Com seu cônjuge percorreu muitas cidades e povoados da região dos cocais, leste maranhense. Essas mudanças adivinham do fato de seu marido ser ávido por vendas e compras de casas. Por trabalhar em constante deslocamento, vendendo as roupas e peças de madeiras que ele mesmo produzia, sempre tinha informação sobre algum imóvel que estava à venda nos lugares por onde passava. Aquele imóvel que lhe interessava logo era posto em negociação ao mesmo tempo em que sua casa era posta à venda.

Em meio a esse contexto, dona Lourdes estava sempre em deslocamentos com seus encantados. Contou que pelo fato de tanto se mudar, batizou seus guias, cada um em uma tenda diferente. Este era um compromisso que fazia às escondidas, uma vez que seu marido não aceitava que ela frequentasse terreiro. Assim, quando este saía em suas viagens de trabalho, aproveitava para procurar um mestre para lhe ajudar a cuidar de suas correntes. Pelo fato de ter poucas condições materiais, Lourdes fazia suas obrigações ao poucos, confirmando e batizando uma entidade na medida do que ela o poderia fazer. Sorrindo dizia, “*quando eu firmava um, a gente mudava*”. Para Lourdes era importante esse cuidado para que ela tivesse condições de realizar suas tarefas e seguir sua vida. A partir dessas experiências, Lourdes costumava dizer que teve muitas mães de santo, mas que não conseguia perdurar em nenhuma tenda. Essa foi uma situação que só mudou depois que seu marido se tornou mais velho e devido a problemas de saúde teve que se manter em Codó para seguir em tratamento.

Diferentemente de dona Lourdes, Diva, mesmo com seus quase sessenta anos, ainda segue em inúmeros itinerários com seus encantados. Quando conheci dona Diva, ela estava conversando com um senhor sobre uma possível viagem para um festejo em uma cidade vizinha à Codó, Coroa. Muito simpática e comunicativa, a brincante comentou em voz alta: “*eu vou é sozinha!*” Curiosa quis saber sobre o que se expressava, para onde ela iria. Ela me explicou que a conversa se tratava de uma articulação entre vários brincantes para uma alocação de um transporte, fato que não se consumou porque muitos desistiram. Mesmo com o fracasso da articulação, Diva afirmava que ela iria para o tambor, sabia que seus guias lhe mostrariam outra possibilidade, em especial, Zé Tarô, seu primeiro guia de confirmação.

Ao falar desse encantado relatou que muito tempo atrás procurou por um pai de santo para se tratar de alguns problemas que para ela eram de cunho espiritual. Mesmo sabendo de sua mediunidade e da sua herança familiar, Diva não queria se comprometer com encantados. Em certo momento de sua juventude, procurou por um pai de santo, conhecido como Dos Santos, para cuidar de suas aflições. O pai de santo não quis atendê-la informando que não tinha condições e nem conhecimento para lidar com quem andava com ela. No entanto, a entidade cujo pai de santo recebia, interveio e disse para ela que o tratamento se realizaria. Após o término dos trabalhos, a mesma entidade pediu que ela permanecesse por mais um período na casa, dando assistência nas obrigações.

Quando começou a participar dos toques de tambor, mesmo que ainda não dançasse, recebeu o encantado Zé Tarô. Na ocasião, descobriu que este guia tinha o mesmo nome da entidade que baixava no pai de santo da tenda na qual se tratou. Tal coincidência a fez refletir sobre o fato de que seu encantado, em certa medida, foi quem a dirigiu para este lugar e assim atuou para que permanecesse na casa. Contrariando o encantado, Diva não seguiu na tenda. Ela informou que devido a algumas desavenças com outras brincantes da casa, deixou de frequentá-la. Tempo depois quando estava grávida de seu primeiro filho, começou a ser acometida por várias visões, diariamente via pessoas (espíritos) pelos caminhos por onde passava. Precisou mais uma vez procurar por alguém que lhe ajudasse, pois as constantes visões estavam lhe afligindo.

Neste momento conheceu seu Joel, um senhor que trabalhava com “*ciência oculta*”, um mestre que trabalhava com vidências, plantas e ervas, e que realizava seus

trabalhos em sua própria residência. Além de este anunciar que o filho que Diva esperava era um menino, Joel explicou que as pessoas com as quais estava tendo visões, eram supostos guias pedindo para que ela os firmasse. O mestre aconselhou que Diva começasse a ascender velas para eles, e, atrelado ao tempo, essa ação faria com que eles a comunicassem, sejam por sonhos ou por visões, aquilo que eles queriam que ele fizesse. Esta orientação tinha a ver com o entendimento do mestre de que Diva não precisava procurar por pai ou mãe de santo para lhe preparar, pois ela já havia “*nascida feita*”, e quem comandava sua feitura, era o seu encantado Zé Tarô.

Mesmo com os cuidados de acender velas para seus guias em sua casa, Diva ainda resistia, dizia que não gostava daquelas “*coisas de macumba*”. Então, por certo período deixou de acender as velas o que, segundo a mesma, fez com que se perdesse pela cidade, esquecendo-se do caminho de sua casa. Preocupado, seu marido a levou ao mesmo pai de santo que confirmou o seu encantado Zé Tarô e lá teve a informação de que deveria ficar por um tempo para que o encantado a preparasse. O encantado cuidou das correntes da brincante. Orientou sobre as obrigações e sobre como proceder em cada uma delas. Diva recebeu a mensagem que tinha uma corrente de mesa e de astral, hoje trabalha mais com vidências, uma espécie de atendimento e tratamento ligado mais com a habilidade de ver e prever – junto aos seus guias - situações relacionadas com pessoa em tratamento. Neste momento, me explicou que as mesmas pessoas com as quais tinha visão, foram as que a levaram para a casa de Joel. Para ela isso explicava também o fato de sempre vê-los pelos caminhos que ela costumava passar. Eles literalmente a guiaram para a casa do mestre.

As pessoas, espíritos guias, com os quais Diva tem visão, são quem a orientam em muitos de seus trabalhos que ela chama de vidência, no entanto, por também ter caboclos, sempre dança nos festejos de terecô, “*porque caboclo gosta de dançar*”. Por isso, entre seus trabalhos em sua residência, sempre busca se articular com outros brincantes para ter condições de acompanhar tambor em diferentes tendas da região dos cocais. Nosso ponto de encontro foi ocasionado por uma dessas tentativas, que mesmo tento fracasso, não tirou da brincante o intuito de dançar na cidade vizinha.

Diva contou que tem um caboclo que gosta de “*rodar*”, no sentido de percorrer muitos caminhos para dançar terecô. Ele pediu para ela botar salão, mas como é muito teimosa, até hoje não atendeu ao seu pedido. Acredita que sua teimosia seja o motivo

pelo qual vem “*apanhando*”, indicando certa agência do caboclo em algumas de suas situações de conflitos a aflição, e que por isso, ultimamente vinha pensado na possibilidade de realizar um tambor para ele em uma antiga casa situada em um de seus terrenos. A demora em realizar tal agrado para o caboclo tinha a ver com fato de ainda não ter encontrado condições para a limpeza e o trato para que o lugar ficasse em condições salubre e segura para as pessoas, pois de fato se tratava de uma casa muito antiga, ainda coberta por palhas. Na ocasião me confidenciou que seus planos envolviam criar dois espaços, um para bater o tambor para seu caboclo e o outro seria uma casa de oração, sua vez que fez questão de enfatizar que trabalha “*ao lado de Jeová*”, “*ao lado de Deus*”, em seus trabalhos de vidências, mas que também não pode deixar de participar dos festejos de terecô, já que tem um caboclo de uma corrente de gosta de brincar terecô.

Diva contou que também gosta de brincar, lhe agrada a beleza e o grande contingente de pessoas festejando junto com os encantados. Mesmo sendo uma atividade cansativa, pois a maioria dos festejos dura até o amanhecer, por vezes se estendendo até ao meio dia. Disse que se não fosse pelo caboclo não aguentaria. Quando chega a muitas festas gosta de ficar sentada observando o movimento ou conversando com conhecidos, mas quando começa o som do tambor, sente vontade de ir para dentro do salão e ao acompanhar o ritmo do tambor sente que todo o cansaço desvanece. Ela se admira como seu guia tem o poder de mudar suas intenções. Muitas vezes pensa que não tem condições físicas e de deslocamento para acompanhar terecô, mas quando se dá conta, ela mesma está movimentando “*céu e terra*” para comparecer em tambor.

### **Considerações finais**

Essas narrativas indicam para um modo de fazer terecô em meio a diversos trânsitos e deslocamentos. Nesse sentido, os vínculos com as tenda não se apresentam como duradouros ou fixos, ressaltando uma prática religiosa mais assentada na relação com os guias. Com estes se compartilha as casas e os caminhos. Eles atuam como mestres na preparação de médiuns e podem fazer com que o brincante tenha ligações com mais de uma mãe de santo. Além dos deslocamentos ocasionados pelas condições de vida das pessoas, o trânsito também decorre do habito de dançar do qual o caboclo não abre mão. Assim, é preciso percorrer caminhos para que este venha a dançar nos festejos que ocorrem em diferentes tendas e lugares. Não pertencer a nenhuma tenda

não necessariamente implica em falta de vínculo, mas em outros modos de se ligar a lugares e pessoas. Ligações estas que podem indicar para encontros momentâneos, mas que são capazes de realizar eventos fundamentais em uma vida compartilhada com os encantados como a dança, os batizados, as preparações e os tratamentos espirituais.

Além disso, se o hábito de dançar do caboclo permite encontros e ligações em meio aos percursos dos brincantes, estas experiências chamam atenção para o modo como essas entidades são capazes de constituir casa, tendas, mas também trajetos e caminhos. Estes percursos resultam tanto do fato de o encantado acompanhar itinerários próprios das experiências de pessoas com as quais convivem, quanto por colocá-las em movimento, ao guiá-las para lugares e casas com os quais o encantado objetiva promover algo. Olhar para estes casos me possibilita pensar certa feita do terecô a partir de itinerâncias constituídas em meio à capacidade de andar junto.

### **Referências**

AHLERT, Martina. **Encantoria: uma etnografia sobre pessoas e encantados**. Curitiba: Kottter Editorial, 2021.

AHLERT, Martina; LIMA, Conceição M. T.. A família de Légua está toda na eira: tramas entre pessoas e encantados. **Etnográfica**. Vol. 23 (2), 2019. P. 447-467.

FERRETTI, Mundicarmo. Terecô, a linha de Codó. In: PRANDI, J. Reginaldo (Org.). **Encantaria Brasileira: o livro dos mestres, caboclos e encantados**. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.